

O CONTEMPORÂNEO DA NÃO CONTEMPORANEIDADE: ATRAVÉS DE UM OLHAR SOBRE O SANTANA

Tatiana Torres Campoy¹, Elaine Aparecida Saldanha², Paulo Romano Reschilian³,

FEA – Faculdade de Educação e Artes – Rua Dr Tertuliano Delfhin Junior, 181, Jardim Aquarius,
tatiana.campoy@hotmail.com, elaine_saldanha@yahoo.com.br,
paromano@uol.com.br

Resumo: Este artigo tem como objetivo apresentar as mudanças ocorridas no bairro de Santana devido aos processos de urbanização/industrialização ocorridos com o advento das indústrias que se instalaram no bairro a partir da década de 20, alterando seu perfil socioeconômico, sem interferir em suas tradições. Os santanenses conservaram seus costumes, o que fez com que Santana seja até hoje considerado como bairro mineiro de São José dos Campos. Santana que ficou durante anos sem receber o “olhar” das autoridades públicas, busca agora seu reconhecimento de outrora.

Palavras-chave: Santana, Industrialização, Urbanização, São José dos Campos.

Área do Conhecimento: Ciências Humanas - História

Introdução

O bairro de Santana está situado na zona Norte de São José dos campos e seu espaço geográfico compreendido entre a Linha Férrea ao Rio Paraíba do Sul. Durante o século XIX e início do século XX serviu como entreposto comercial devido à proximidade com o porto de desembarque de pessoas e produtos através da Estação Ferroviária, além da menor distância com a estrada que leva a Minas, nas décadas 1930 e 1940, Santana afirma-se definitivamente como bairro industrial. (SANTOS,).

Com as primeiras instalações industriais por volta de 1920 há um crescimento demográfico, expansão comercial e aumento das instalações residenciais para atender a demanda de trabalhadores que chegavam para operar nas indústrias, indicadores presentes da urbanização em meados dos anos vinte e posteriormente na década de quarenta. A construção da Tecelagem Parahyba em 14 de março de 1925 propiciou para Santana mudanças nos aspectos sociais e culturais do bairro, a vida dos santanenses aos poucos se modernizava, ganhando status urbano. Na década de quarenta com a instalação da indústria de Louças Irmãos Weiss o Santana passa a ter nova configuração, o bairro ganha novas ruas e novos pontos de comércio para atender sua população, a indústria de louças

contribuiu em muito para o crescimento da região norte, gerando inúmeros empregos. Com a “Segunda Fase da Industrialização”, em 1946, o Santana passa a ter sua estrutura espacial alterada, bairros adjacentes foram ocupados recebendo migração da zona rural da cidade, de cidades da região da Serra da Mantiqueira e do Sul de Minas, motivados com a instalação da Rhodosá de Rayon (Rhodia), após a instalação da indústria concretiza-se o perfil urbano-industrial do bairro, além de acarretar o processo que consolidaria a formação de uma classe média estabelecida e de uma elite dirigente municipal. Com os estabelecimentos fabris sediados em Santana e a consolidação comercial adquirida constituiu-se certa autonomia para o bairro, a mesma prevalece ao longo de sua evolução ao contrário das demais áreas da cidade, o que possibilitou a contínua identificação cultural de seus habitantes. Apesar do grande crescimento Santana consegue preservar parte de suas características culturais, mantendo certa independência em relação à Cidade, primeiramente porque o bairro contava com vários setores, como Cartório de Registro Civil, cemitério, Tabelião de Notas, paróquias, postos de puericultura, grupos escolares, ginásios estaduais, maternidades, ambulatórios, hospital, praça de esportes, supermercados, cinema e bancos, uma infra-estrutura capaz de atender a todos, sem

precisar que seus moradores saíssem do bairro para realizar tarefas bancaria ou efetuar compras, uma vez que seu comércio variado satisfazia a população santanense, em segundo lugar, porque o centro da cidade atendia um contingente de tuberculosos, os quais os santanenses faziam questão de manter certa distância. O bairro mineiro, antes pólo-industrial, a partir de 1950 não deu mais sinais da modernidade de outrora com a construção da Rodovia Presidente Eurico Gaspar Dutra. Fazendo o eixo industrial migrar para o entorno da rodovia, reservando ao Bairro Santana apenas a memória industrial de São José dos Campos, e a história vai traçando outro caminho ao bairro que aos poucos perde sua característica de pólo-industrial.

Metodologia

Este artigo foi organizado através do estudo de fonte primária e secundária; como fonte primária utilizamos o Jornal Valeparaibano, obtendo o apoio do arquivo Publico do Município para tal e como fonte secundária nos apoiamos em literatura que discute a industrialização de São José dos Campos, bem como esta industrialização possibilitou o desenvolvimento do município e como a política adotada pelos interventores designados pelo Estado autoritário da época, destinou e possibilitou a São José dos Campos o desenvolvimento industrial evidente. A elaboração deste trabalho apresenta o Bairro Santana em seu período industrial, sua transição forçada de eixo-industrial para bairro tradicional, momento em que perde a característica industrial de outrora, devido a implantação do sistema rodoviário e as novas demandas que advieram em consequência disto.

Resultados

(NOGUEIRA, 2006, p.10) apud (REIS, 2006, p.12) *“... as fábricas deixariam de ser organizadas com a superposição de linhas de produção em vários andares e passariam a ser organizadas em grandes unidades de um só pavimento, com maior número de metros quadrados por operário do que as anteriores. Essa diferença decorreria do fato de se aumentar significativamente a mecanização dos processos produtivos reduzindo-se a mão de obra.”*

Torna-se mais coerente e lucrativo deslocar o eixo industrial do Santana para o entorno da Via Dutra, com a generosa oferta de terrenos disponibilizados em suas proximidades e a nova dinâmica industrial que vem se firmando no Brasil, e em São José dos Campos especificamente, exigindo maior rapidez e agilidade no processo de fabricação com o intuito de baratear os custos de produção.

O Santana, porém, não teve problemas em continuar se mantendo, as primeiras indústrias situadas no bairro continuavam funcionando, garantindo o emprego dos santanenses, o bairro apoiava-se ainda em um comércio próprio, escolas, cemitério e hospitais, o que garantia a crença em uma autonomia, mantendo-os distantes da população do centro.

Discussão

O Bairro do Santana mesmo antes de 1920 quando não havia a instalação de significativas indústrias em seu território possuía modestos estabelecimentos de fabricação voltados para atender a população local. São José dos Campos teve seu crescimento urbano neste período voltado para a população de tuberculosos que se instalavam em pensões e posteriormente em sanatórios. No município, neste mesmo período, em meio às residências e casas comerciais encontrava-se *“as máquinas, as oficinas, as olarias e pequenos estabelecimentos fabris que antecederam à instalação das indústrias de porte, configurando o que denominamos como a Primeira Industrialização”*. (SANTOS, p.60, 2006). Ao mesmo tempo, as políticas sanitárias ganham força no município tendo como principais preocupações aspectos que envolviam cuidados considerados corretos de higiene, padrões coletivos de salubridade associando-os a formas de controle da população principalmente no que tangia moralidade.

Definiram-se; por volta de 1932, por meio de autoridades públicas uma política de zoneamento no município devido à presença dos doentes, dividindo a cidade em zona residencial comercial, sanatorial e em 1933 acrescentou-se a zona industrial. A partir de decretos que disciplinavam as cidades Estâncias Climatéricas, condição em que São José se encontrava oficialmente em 1935, momento em que São José passa a sofrer intervenção do Estado o que consequentemente possibilitou transformações urbanísticas e políticas, neste caso perdendo sua autonomia política. O controle exercido por autoridades se acentua passando a ocuparem-se na infraestrutura urbana destinando o município a mover-se rumo à modernidade.

Segundo Lessa, políticas de controle à cidade no que tange à questão urbana e social surgiram por mãos da doença e que em meio ao autoritarismo da época a cidadania não fazia parte dos planos políticos do Estado. (LESSA, 2008, p. 119).

Mas onde estaria o principal vetor que desloca o Santana do patamar de principal centro industrial de São José?

Lessa aponta que: *“A mudança para a industrialização levou a uma nova abordagem*

sobre o meio na região, representada pela engrenagem em sua bandeira. (...). Não era mais a qualidade do ar que importava, e sim o meio visto como meio territorial pelo planejamento estatal e dos institutos de pesquisa. Sua topografia e sua localização num dos principais eixos hidrográficos do país foram elementos importantes para que, em detrimento de cidades mais tradicionais como Taubaté, São José dos Campos fosse privilegiada pelas políticas de investimento estatal” (LESSA, p.125, 2008).

Com a implantação do sistema rodoviário as indústrias se tornam mais dependentes das rodovias que possuíam um processo de transporte mais dinâmico e graças à nova ordem industrial que vem tomando forma possibilitou-se que áreas margeadas pela Rodovia Presidente Eurico Gaspar Dutra, inaugurada em 1951, fossem rapidamente preenchidas por fábricas e posteriormente tendo em seus arredores a oferta de bairros cuja maior parte dos moradores viria a ser os próprios funcionários destas indústrias que utilizariam a rodovia para agilizar seu transporte ao trabalho. (NOGUEIRA, 2006, p.09 e 10).

O eixo industrial migra então para o entorno da rodovia, reservando ao Bairro Santana apenas a memória industrial de São José dos Campos, e a história vai traçando outro caminho ao bairro que aos poucos perde sua característica de pólo-industrial, a modernidade se fixou em outro eixo da cidade, com a instalação das transnacionais ao longo da Dutra. Aos poucos as propriedades rurais situadas as suas margens passam a ser objetos de grande especulação imobiliária e, em especial, as glebas mais próximas da área urbanizada. Na segunda fase da industrialização as fábricas já se encontram alinhadas ao longo da Via Dutra ignorando o perímetro urbano.

Com a nova dinâmica industrial percebeu-se a necessidade de certas intervenções e normalizações por parte do poder público, como construção e manutenção de leis e decretos que visavam regular e mediar conflitos advindos com o crescimento, exigindo programas de expropriação do solo e uma série de novas ferramentas técnicas para assegurar o crescimento urbano dentro das devidas proporções normativas.

Devido a esse fortalecimento e crescimento industrial há maior necessidade de urbanização e o município que outrora se promoveu como o melhor ambiente e mais estruturado para o tratamento da tuberculose, agora busca lançar-se como uma das cidades mais tecnológica e moderna do Brasil na tentativa de atrair indústrias voltadas para tecnologia e pesquisas científicas de ponta. A cidade se expande devido à chegada de mão de obra de todo o país, se primeiramente havia espaço físico delimitado e demarcado destinado à cura de doentes de tuberculose neste

momento se torna necessário destinar este espaço territorial às novas demandas que a industrialização exigia.

Conclusão

Buscamos situar o bairro de Santana e sua paralisação industrial frente ao contexto de expansão e urbanização da cidade, o Santana ao contrário dos demais bairros, não teve como se expandir geograficamente, pois seu perímetro urbano estava delimitado, compreendia a partir dos trilhos da ferrovia terminando no Rio Paraíba do Sul. O Santana que antes recebera atenções da política pública municipal passou a ser visto não mais como um outro “centro” da cidade, como antes fora, e sim apenas um bairro tradicional, arraigado em suas raízes e costumes trazidos juntamente por mineiros do sul de Minas Gerais.

Com a construção da Via Dutra e a instalação de várias indústrias em suas margens, grande número de imigrantes foram atraídos para São José dos Campos, vindos de variadas cidades do país, porém não se constituiu um núcleo de conterrâneos, onde a manifestação cultural tornou-se mais concentrada como no Santana.

Referências

- LESSA, S. N. São José dos Campos – História e Cidade, Volume 1 - Os Campos da Cidade: São José Revisitada. (Artigo) A construção do Pólo Regional do Vale do Paraíba: Planejamento Regional e Ordenamento Territorial de São José dos Campos. 1ª ed. São José dos Campos: São Paulo, 2008.
- NOGUEIRA, D. M. Urbanização Dispersa Mercado de Trabalho e Dinâmica Industrial do Complexo Aeroespacial de São José dos Campos - SP. São José dos Campos, 2006 (Dissertação de Mestrado em Planejamento Urbano e Regional). UNIVAP
- SANTOS, A. P. São José dos Campos Arquitetura Industrial. 1ª ed. São José dos Campos: São Paulo, 2006.

XVINIC

Encontro Latino Americano
de Iniciação Científica

XI EPG

Encontro Latino Americano
de Pós Graduação

VINIC Jr

Encontro Latino Americano
de Iniciação Científica Júnior